

Bernardo Soares

Uma pedra é mais interessante que um operário.

Uma pedra é mais interessante que um operário.

A dor de uma árvore que o vento abata quão mais nobre é que a angústia de um jornalista que morre de miséria! Ao menos morre silenciosa, salvo o (...) de quebrar-se e o baque de cair morta. Não morre dizendo asneiras sobre capitalistas exploradores e reivindicações sociais. Não é suja nem feia... E um operário mal trajado raras vezes o não é.

A funda comoção que é a alma estática dos rochedos é mais verdadeira e bela que toda a teoria socialista ou anarquista.

A canção de um rochedo pode ser asneira, pode ser que não exista. Mas as teorias humanitárias são asneiras com certeza, e sobre serem asneiras sociológicas, são asneiras de análise psicológica.

Mesmo que um monte pareça frio sempre há-de haver um poente que lhe ponha uma auréola de beleza e alheamento. E que poente nos vai dourar para pitoresco um estúpido que moureja para ganhar numa fábrica o pão de cada dia? Que ânimo orna de novidade um sub-homem que (...)

O poeta busca a beleza, não busca a (...)

E que beleza tem a dor dum proletário? Ainda quando é a dor de um aristocrata chorando...

Uma manada de operários! Se a gente [...] com demorada intensidade nauseia-se. A dor de uma mulher do povo! Uma berraria indecorosa que um ouvido musical não pode ouvir.

s. d.

Livro do Desassossego. Vol.I. Fernando Pessoa. (Organização e fixação de inéditos de Teresa Sobral Cunha.) Coimbra: Presença, 1990: 245.

"Fase decadentista", segundo António Quadros (org.) in **Livro do Desassossego, por Bernardo Soares**, Vol I. Fernando Pessoa. Mem Martins: Europa-América, 1986.